
REVISTA TAKA'A

A ESPIRITUALIDADE CHIQUITANO E A PERSISTÊNCIA DE SUAS PRÁTICAS RELIGIOSAS: UM DIÁLOGO INTERCULTURAL

CHIQUITANO SPIRITUALITY AND THE PERSISTENCE OF THEIR RELIGIOUS PRACTICES: AN INTERCULTURAL DIALOG

Saturnina Urupê Chue
Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio – Porto Esperidião - MT
<https://orcid.org/0009-0008-1319-1527>
saturnina-urupe1@hotmail.com

RESUMO

Nós, Chiquitano, vivemos nossa espiritualidade de maneira convicta, é algo que faz parte da vida e da cultura do povo. O objetivo deste texto é trazer um pouco sobre como é compreendida e vivenciada a espiritualidade na aldeia Vila Nova Barbecho. A metodologia para a produção desta escrita contou com o método narrativo, onde relato as vivências de religiosidade e de religião do povo Chiquitano da aldeia Vila Nova Barbecho, município de Porto Esperidião-MT. Compreendemos que a interculturalidade tem sido vivenciada dentro dos aspectos de religiosidade/religião dentro da comunidade com expressões da cultura, da ancestralidade e das influências da igreja católica, que na atualidade, tem sido ressignificada como um espaço também de expressão cultural do povo Chiquitano, ainda que sigamos o calendário litúrgico. Entendemos que *Tuparch* está em todos os lugares, na Mãe Terra, no Território e dialoga com os donos da mata, do rio. Portanto, o diálogo intercultural e inter-religioso tem sido constitutivo nas formas de sentir o cosmos com o coração Chiquitano.

Palavras-chave: Povo Chiquitano. Espiritualidade. Persistência. Interculturalidade.

ABSTRACT

We Chiquitano live our spirituality with conviction; it is something that is part of the life and culture of the people. The aim of this text is to provide some insight into how spirituality is understood and experienced in the Vila Nova Barbecho village. The methodology used to produce this text was the narrative method, in which I report on the experiences of religiosity and religion of the Chiquitano people of Vila Nova Barbecho village, in the municipality of

Porto Esperidião-MT. We understand that interculturality has been experienced within the aspects of religiosity/religion within the community with expressions of culture, ancestry and the influences of the Catholic Church, which has now been re-signified as a space for cultural expression of the Chiquitano people, even though we follow the liturgical calendar. We understand that Tupach is everywhere, in Mother Earth, in the Territory and dialogues with the owners of the forest and the river. Therefore, intercultural and interreligious dialog has been constitutive in the ways of feeling the cosmos with the Chiquitano heart.

Keywords: Chiquitano People. Spirituality. Persistence. Interculturality.

INTRODUÇÃO

Este texto aborda uma reflexão sobre a espiritualidade do nosso povo Chiquitano, que reside na aldeia Vila Nova Barbecho, município de Porto Esperidião-MT. Sabemos que nosso povo Chiquitano se distribui em outros espaços, encontram-se na fronteira Brasil-Bolívia, no Brasil, estamos no estado de Mato Grosso, nas cidades de Porto Esperidião, Vila Bela da Santíssima Trindade e Cáceres. Conforme o Instituto Socioambiental, na Bolívia, localizam-se no departamento de Santa Cruz, nas províncias Nuflo de Chaves, Velasco, Chiquitos e Sandoval. Em meados do séc. XVI, os colonizadores espanhóis invadiram as terras culturais do povo Chiquitano, obrigando-os a fugirem para outros locais, pois, se assim não fizessem, eram capturados pelos caçadores de índios e levados para serem escravos (Chuê e Ferreira, 2020).

Assim, como ocorreu com muitos outros povos originários, com a finalidade de assimilar, amansar e civilizar os Chiquitano, criaram-se as missões, o que aliás estiveram espalhadas por toda a América do Sul. O trabalho de ‘civilização’/catequização, como dizem os brancos, ficou sob a responsabilidade, principalmente, da Companhia de Jesus.

Desta forma, a cristandade católica influenciou vários povos, exemplo disso é que quando os europeus chegaram ao Brasil, a primeira ação foi a execução da missa. Foram muitos anos de influência, porém, é certo dizer que há uma ‘aceitação’ do cristianismo, mas também, é possível, nesta complexidade, emitir o pensamento de que há uma convivência do catolicismo com a espiritualidade ancestral. Assim, há uma incorporação do cristianismo dentro de um diálogo intercultural na espiritualidade.

Nós, os Chiquitano da aldeia Vila Nova Barbecho, desde, muito cedo, praticamos a religião católica, porém, existe algo peculiar do povo que é a sua própria espiritualidade, que vai além da religião católica. Essa manifestação da espiritualidade é expressa em um modo próprio de ser, de se relacionar com o mundo, com a natureza, com a terra, com os animais, com os seres cósmicos.

Compreendemos que tudo neste mundo tem e desempenha um papel fundamental, ou seja, os seres naturais e sobrenaturais estão e vivem concomitante neste mundo em que habitamos. Temos uma relação muito forte com os chamados “espíritos/donos” de tudo que há no território. Assim, há os donos das plantas, das águas, dos campos, da floresta, dos lugares sagrados, e, tudo está conectado. Todos os espaços têm seu dono e são protegidos, assim, não se deve invadir esses espaços, sem antes pedir licença para seus donos, seres sagrados e sobrenaturais.

Para que possamos nos relacionar e usufruir dos elementos da natureza, que é viva e que tem o seu sagrado, é preciso entender que o diálogo com a espiritualidade precisa acontecer via essa energia que conecta os Chiquitano uns com os outros, com a vida, com passado ancestral, com o presente e com o futuro. Uma energia que dialoga com o sobrenatural.

Sem perder a essência cultural, nós, os Chiquitano, vamos nos adaptando ao mundo “contemporâneo”, por meio da resistência e persistência de uma religiosidade que é cultural, mas também, dialogamos com o Cristianismo. Assim, de maneira intercultural, compreendendo as diferenças, buscamos manter a nossa espiritualidade ancestral, sem deixar de participar das ações do catolicismo.

Portanto, este artigo quer trazer um pouco sobre como é compreendida e vivenciada a espiritualidade na aldeia Vila Nova Barbecho. Como membro da aldeia, desde criança, vivo esta experiência no seio familiar e comunitário, então sei do que falo, do que vivenciei desde a infância. Faço um breve relato sobre a espiritualidade, buscando contemplar o tema escolhido para este artigo, pois, para mim faz muito sentido poder compartilhar sobre a espiritualidade do meu povo Chiquitano. Continuaremos resistindo no mais simples que pareça da nossa cultura e, apesar da influência sofrida pelo cristianismo, ainda existem pontos fortes e marcantes na nossa vida e em nossa cultura. E cada vez mais vamos retomando nossa cultura, com firmeza e entusiasmo, não podemos deixar que tudo fique no passado. Por isso, aproveitamos cada oportunidade de registrar aspectos fundamentais da nossa história cultural, pois nos consideramos verdadeiros protagonistas, podendo contar nossa própria história.

Como forma de aprofundar as reflexões, acerca da interculturalidade entre a espiritualidade Chiquitano e as influências católicas, o texto ficou organizado em três subtítulos: o primeiro sobre a espiritualidade Chiquitano, no qual procurei trazer nossa forma própria espiritualizada; em seguida, abordo nossa compreensão no movimento das relações

cósmicas que estão em nossos corações e, por fim, a expressão interculturalizada das festas de santo das quais participamos.

Espiritualidade do povo Chiquitano

Desde muito cedo, aprendemos que a espiritualidade precisa ser passada às gerações como um modo de ser e de se comportar/viver no espaço que habitamos. Que a espiritualidade é uma relação com o sagrado, com Deus Criador de tudo. Que somos parte desta criação e responsáveis pela conexão entre o passado e o presente.

Temos uma espiritualidade que é parte de uma pedagogia Chiquitano, de uma educação para a vida e para o Bem Viver. É uma forma de se relacionar com o mundo, com as pessoas, com a natureza que é parte de nós mesmos. Na nossa cultura, a espiritualidade toma forma e é expressa de várias formas, na produção da vida na aldeia e, também, na produção das aprendizagens da religião católica. Naquilo que é próprio do povo Chiquitano, pois a nossa espiritualidade está nos nossos artesanatos, nas cerâmicas, na interculturalidade das relações do ser Chiquitano com as manifestações religiosas dos santos não indígenas.

Quando se trata da nossa religiosidade, ela está intimamente ligada a nossa cultura. Então, vejamos:

Ao adentrar numa aldeia, possibilita-se experimentar a hierofania, onde mistérios sacralizam o tempo, os objetos e o espaço entre o céu e a terra. Através do artesanato, das danças, dos gestos, dos olhares, da culinária, do ritmo de tambores, maracás e pés batendo no chão—ritos que são expressões criativa e eloquentes da cultura indígena —reatualizam-se e rememoram-se mitos que ressignificam o passado, reforçam a identidade e descortinam a esperança de um horizonte solidário e inclusivo, sem a lógica da dominação, da competição e da violência (Pestana, 2015, p.96).

É assim que nossa espiritualidade vem à tona, mostrando quem somos. Com o nosso jeito simples de viver, de acolher as outras pessoas, constituímos uma forma de ser. Nessa perspectiva espiritual e nos desafios que vivemos, em relação ao território (em constantes disputas com os não indígenas), mesmo diante das dificuldades, carregamos a esperança em dias melhores, confiantes na força de *Tuparch* que vê tudo e conhece as necessidades mais profundas de seu povo e fará justiça no momento certo.

O território faz parte da nossa espiritualidade, é deste lugar de relações que a vida Chiquitano é construída, de onde os recursos naturais são provenientes para os afazeres, para a alimentação, para a vivência. Em espiritualidade nos interculturalizamos e expressamos práticas religiosas, preces cotidianas de agradecimento por tudo que a mãe Terra, junto com os donos da natureza, nos oferece. Também reconhecemos e dialogamos interculturalmente com o Deus/católico; pedimos graças divinas, dos seres e dos espíritos cósmicos para que possam interceder a *Tuparch* por várias situações, entre elas, pela proteção e pelas bênçãos das chuvas calmas e necessárias para restabelecer o equilíbrio da vida humana, porque vivemos na atualidade, uma crise climática construída muito pelas mãos dos seres humanos, que deixaram de dialogar com a natureza.

Assim, compreendemos que a espiritualidade se demonstra na reação que temos com toda a criação, no cuidado, no respeito para com todos os seres que habitam a natureza. É preciso manter o cuidado e nunca destruir nada por meramente prazer, na natureza. Se vamos entrar na mata para retirar madeira, palha, pedimos licença e proteção; para entrar nos rios é preciso manter uma conexão com seus donos, seres sobrenaturais, invocar proteção e licença para todas essas ações. Assim, quando vamos na mata, temos sempre o cuidado e o respeito, como por exemplo, quando vamos para o Jatobá, local encantado e sagrado (Fig.1) para os Chiquitano da Vila Nova Barbecho.

Figura 1: Jatobá (lugar sagrado)



Fonte: Chue, 2024

O pé do Jatobá fica na mata, onde passava a antiga estrada velha. É um lugar encantado. Ninguém podia passar por esse lugar altas horas da noite, porque acontecia algo, a pessoa se perdia na mata. Às vezes, aparecia um ser encantado que fazia a pessoa se perder. Ou ficava no meio do caminho e não deixava passar para seguir adiante. Por outras vezes, muitos viram o ser encantado dormindo encostado no pé do Jatobá. Esse ser tomava uma forma humana, às vezes, tomava a forma de alguns conhecidos, um sinal de que a mata tem seu dono, e que é habitada por seres naturais e encantados.

Esse lugar, onde está esse pé de Jatobá é, portanto, um lugar de mensagens de que a mata precisa ser cuidada, de que há horários para adentrar na mata, pois é nela que coletamos a maior parte do que precisamos para a nossa sobrevivência. Entendemos que a natureza nos dá tudo que é necessário, mas é preciso cuidá-la. A natureza sofre com a sua destruição, pois é viva e está em nós, assim como estamos nela. Volto a dizer que quando nós, os Chiquitano, entramos na mata para realizar a caça, a pesca, pedimos aos donos dos animais para conseguirem algum animal para ser caçado, ou que os pescadores tenham uma boa pesca.

Com cuidado, procuramos não deixar animais feridos, pois em situações como essas, os donos ficam bravos e podem até causar algum mal aos caçadores ou extraviá-los do caminho conhecido, e podem ficar perdidos na mata. Entendemos que esta relação perpassa pela espiritualidade, porque há forças e consequências se não houver compreensão nessa relação espiritual com a natureza. Desta forma, a espiritualidade Chiquitano é um jeito próprio de ser e se relacionar com o tudo que está, não apenas a nossa volta, mas que faz parte do próprio ser como parte de toda a natureza.

Relação cósmica: um jeito de sentir que ultrapassa a racionalidade humana

A relação cósmica é um sentimento que está presente no coração dos Chiquitano, é uma relação de plena confiança, um jeito de sentir que é abstrato na palavra, mas concreto na forma espiritualizada. Essa relação é marcada pelo sentimento que invade o nosso corpo em coração. Acreditamos na força maior “divina”, que vem como resposta à realidade, às necessidades humanas. Podemos dizer que a espiritualidade é nutrida pela confiança e esperança.

Essa confiança e esperança estão alicerçadas em uma conectividade de lutas e ações que não são apenas do mundo sobrenatural, mas também, do humano, em diálogo. Por exemplo, diante de tantos retrocessos dos direitos dos povos originários, confiamos e acreditamos que

Tuparch/Deus não está alheio a esta situação, pois como seres humanos, somos orientados à luta, aos enfrentamentos, e *Tuparch* luta conosco e fará justiça no momento certo e do jeito certo.

Confiamos na proteção divina, no sobrenatural, nos donos da natureza que dialogam entre eles. Atualmente, tem havido muitos impactos ambientais produzidos por mãos humanas e, muitas delas, em direção ao capital. Diante dos impactos, ouvimos e sentimos o clamor da natureza, da Mãe-Terra que, diante da sua destruição, clama e se vinga com sua força; força, muitas vezes, devastadora, seja força das enchentes, ou pela seca intensa, pelo calor que se torna praticamente insuportável. Nós entendemos que a energia da natureza nos traz um recado. É um corpo cósmico que sofre e, por isso, responde a dor com o seu desequilíbrio, e a humanidade se desequilibra, porque somos parte dessa Mãe-Natureza.

Lemos em espiritualidade, por meio da relação cósmica a manifestação de Deus, que está na mata, no rio com os donos que cuidam, mas que, também, sofrem. Encontramos *Tuparch* nos sinais visíveis e invisíveis do universo, basta estar atento para compreender os sinais das estrelas, da lua, do sol, das noites tranquilas, dos ventos, das tempestades, do cantar dos pássaros, do barulho dos animais. Todos sempre trazem uma mensagem, e é preciso saber escutar e ler as mensagens que são fortes. Assim, em uma relação de confiança com *Tuparch*, produzimos interculturalmente momentos de oração comunitária e rezamos, pedindo chuvas e alívio do calor, entre outras coisas.

Por meio do ciclo da lua e do cantar dos pássaros, nós, os Chiquitano, identificamos se o período será mais seco, ou se terá ventos fortes, ou se a chuva está próxima. Dessa forma, podemos nos preparar para as ações que estão por vir em nosso território. Também observamos que algumas mensagens podem nos trazer situações avassaladoras, tristezas, entre outros males. Não vemos *Tuparch*, mas sabemos que ele existe, então, por isso, confiamos, acreditamos na sua força divina, poderosa e mediadora com o ser humano, numa ação de reciprocidade.

Podemos afirmar que, apesar da influência do cristianismo, carregamos em nosso ser a ancestralidade dos nossos antepassados, relações e conhecimentos importantes da nossa espiritualidade. Compreendemos que isso não é nada criado ou inventado, nada imposto e sim um jeito próprio de ser de uma cultura que deve ser respeitada e valorizada.

Pacini, ao se referir do espaço sagrado dos Chiquitano, afirma que “O território chiquitano é vivido e produzido pelos próprios Chiquitanos enquanto espaços sagrados e seu

modo de se relacionar com os lugares tradicionais é que dá sentido à sua vida e caracteriza seu modo de viver enquanto Chiquitanos” (Pacini, 2012, p. 79).

Dito de outro modo, o território é um espaço sagrado diante de todas as relações que são vivenciadas nele, a forma com que nos relacionamos com os lugares, com a mata, com o rio, com as produções dos fenômenos da natureza. É como nos dizem Ferreira *et al* (2024), uma espiritualidade marcada por uma cosmogonia assentada dentro de uma epistemologia ameríndia, própria do seu próprio grupo, produzindo uma educação e aprendizados do próprio viver. Uma relação cósmica, porque se assenta em uma cosmovisão que é ameríndia Chiquitano.

Religiosidade, práticas religiosas e devoções aos santos e santas

A espiritualidade, que é parte de uma cosmovisão Chiquitano, vai sendo levada para outros espaços, por exemplo, o nosso jeito de ser não é esquecido, ou destruído, mas dialoga na atualidade, e se fortalece interculturalizada com outras práticas religiosas, porque fazem parte de uma religião professada por nós, na sua grande maioria, ou seja, o catolicismo.

As práticas religiosas na aldeia Vila Nova Barbecho, em sua grande parte, são manifestadas pela influência da religião católica, mas sem esquecermos ou deixarmos a espiritualidade cultural Chiquitano. Dentre as práticas religiosas e de religiosidade, vivemos alguns momentos importantes, e esses momentos celebrativos e festivos são vivenciados no decorrer do ano, a iniciar pelo período do carnaval.

Para nós, o carnaval é um marco Chiquitano vivenciado intensamente, e nenhum Chiquitano pode ficar de fora dessa festa. Se alguém, por teimosia, se recusar a participar e ficar longe da festa, os espíritos e seres das matas podem causar um encantamento nessa pessoa. Cresci ouvindo e aprendendo isso com meus avós e meus pais. Então, na terça feira de carnaval, conforme o costume, todos se reúnem para rezar o terço e festejar, dançar ao som da caixa, bumbo, flauta e Pífano. Todos passam de casa em casa, abençoando com as bandeiras nas cores branca, simbolizando a paz; vermelha o sangue; verde a natureza e azul cor do céu. Neste período, é celebrada a alegria com danças e músicas, onde se misturam o religioso e a cultura. É no carnaval que dançamos o Kurussé.¹

¹ Kurussé escrita com K faz parte da grafia da língua Chiquitano. Em português, escreve-se com C.

Os encontros com os seres encantados também são momentos de aprendizados, durante o “pulo e o grito” do Curussé homens, mulheres, crianças e velhos(as) cirandam para fortalecerem seus corpos por meio das rezas, das romarias, das comidas, das bebidas, dos cantos, das danças e da beleza de ser índio Chiquitano. O Curussé é um marcador étnico da cultura Chiquitano, normalmente são os benzedores/benzedoras e os rezadores no espaço urbano de Porto Esperidião que direcionam as rezas e que transitam entre os mundos físico e sobrenatural, estes momentos revelando-se festivos e formativos ao mesmo tempo (Silva e Caetano, 2021, p.8).

Nós, Chiquitano da Vila Nova Barbecho, depois do carnaval, participamos do período da páscoa, seguindo o calendário litúrgico da igreja católica, com momentos de oração. Entretanto, mesmo seguindo o rito comum da igreja católica, a preparação do ambiente para esta vivência é realizada com uma ornamentação cultural. Enfeitamos o espaço, onde as pessoas irão celebrar a páscoa, com pés de bananeira, cana de açúcar e arcos com folhas de uma árvore chamada ‘Gonçalo’, considerada uma planta sagrada e medicinal para nosso povo.

Após a conclusão das celebrações da páscoa, tudo é distribuído igualmente para as famílias, a cana de açúcar, as bananas e, também, as folhas secas que serão queimadas, principalmente, em momento de temporal, pois acreditamos que que isso afasta o mal que se aproveita dos ventos fortes para destruir as casas.

Na aldeia, algumas famílias realizam os festejos de Santos de devoção familiar, como São Joao Batista, São Sebastião, São Pedro, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora da Guia e Nossa Senhora do Carmo. Algumas famílias ainda, por devoção, ou pela alegria de ter conhecimento sobre a vida de um determinado Santo ou Santa, escolhem o dia dedicado àquele Santo para uma reza em suas residências e, como gesto de carinho ao final, oferecem alimentação e bebidas para as pessoas que participam da reza naquele dia.

Já a comunidade celebra anualmente a festa da Padroeira Nossa Senhora de Fátima (Fig.2), no dia 13 de maio. Organizamos ornamentações com as plantas do nosso território. Nossa Senhora de Fátima era uma Santa de devoção do casal Nicolau e Clemencia, mas devido à idade avançada, e não tendo condições para dar continuidade às festividades dessa Santa, a comunidade decidiu adotá-la como padroeira da aldeia. As festividades são feitas na aldeia e há o envolvimento de todos. Algumas entradas nas celebrações os jovens fazem de maneira cultural.

Figura 2: Altar de Nossa Senhora de Fátima e ornamentação



Fonte: Chue, 2024

Como seres persistentes e resilientes, continuaremos cultivando nossa espiritualidade, em sintonia com nossos ancestrais, que continuam vivos em nossas memórias. Com *Tuparch* que nos impulsiona sempre em continuar lutando, mesmo quando existem forças contrárias que retrocedem aos valores intrínsecos da cultura Chiquitano. Continuaremos sendo cristãos, mas continuaremos preservando o que carregamos como premissas de nossa cultura.

Mesmo em devoção aos Santos, e compreendendo a influência da igreja católica, somos conscientes da escolha, na atualidade, em continuar acreditando e manifestando essas práticas da religião, com uma religiosidade que é Chiquitano em nossas orações, olhando a Mãe Terra, fortalecendo a luta pelo nosso território, dialogando com as forças da natureza, lendo as mensagens da natureza e, em diálogo interculturalizado, falar com *Tuparch*, com os donos da mata, do rio, com o som dos nossos instrumentos (Fig.3). Ao dançar o Curussé, nas apresentações durante as celebrações (Fig.4), interculturalizamos, porque mesmo com esses conhecimentos, acreditamos na nossa cosmovisão que está alicerçada em nossa cultura, mas em diálogo com a religiosidade que temos e a religião presente na aldeia.

Figura 3: Grupo de músicos Chiquitano



Fonte: Chue, 2024

Figura 4: Apresentação na celebração em 13 de maio



Fonte: Chuê, 2024

Vivemos, de fato, nas devoções dos Santos, uma religiosidade indígena, porque não deixamos de ser Chiquitano. Assim,

Em meio a silêncios, gestos, palavras, sentimentos, pensamentos, fica a sensação de tocar e ter sido tocado por uma oportunidade sagrada e, junto com ela, florescer, secar, sentir a alegria e a dor do outro, experimentar a força delicada da mãe-terra e a brutalidade da civilização ao longo da história. Uma partilha que perpassa mitos, ritos e a espiritualidade de cada ser; que integra, recria, organiza e banha indivíduos com respeito, fraternidade, paz, alegria, inspiração, harmonia e aprendizados, tornando-nos mais humanos (Pestana, 2015, p.101).

Vivemos uma brutalidade ao longo da história com o processo civilizatório, com o processo catequético, mas, na atualidade, ressignificamos nossa forma de pensar e não deixamos a cosmovisão Chiquitano, pois sentimos que o mundo precisa de sentimentos, de escutas de diálogos, e a espiritualidade produz a compreensão de vivermos em interculturalidade religiosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este breve relato, referente à espiritualidade dos Chiquitano da aldeia Vila Nova Barbecho, procurei trazer as nossas vivências que são complexas, e que são interculturalizadas, porque, por nós foram e são ressignificadas em interculturalidade.

Ao refletir sobre a religiosidade, vejo que é urgente e necessário manter vivo aquilo que é nosso, pois são valores insubstituíveis, queremos ser livres para nos expressar e manifestar a nossa fé do nosso jeito, jeito próprio e originário, simples e verdadeiro. No entanto, compreendo que o diálogo, na atualidade, e as reflexões em direção à espiritualidade em religiosidade (cosmovisão) com a religião são necessários. Compreendo, ainda, baseada em vivências e na leitura de Gonçalves (2024), que a interculturalidade seria um caminho para produzir uma aproximação favorável ao diálogo inter-religioso, por conter alguns elementos equitativos, não comparativos, mas também, não acrítico.

Considero o caráter hegemônico do Cristianismo como uma teologia de missão, como o uso dos processos de inculturação pela igreja e, conforme Gonçalves (2020, p. 273), a igreja reconheceu os danos causados aos povos indígenas e, dentre esses danos, “a ausência de diálogo inter-religioso respeitoso com os povos originários e suas expressões religiosas”. Assim, conforme esse autor, a interculturalidade passa pelo reconhecimento do outro com sua cultura e expressão religiosa, ou seja, com seu pluralismo de religiosidades.

Sei que não é uma reflexão concluída, pois se abrem possibilidades para outras reflexões sobre o tema, uma vez que somos seres abertos aos aprendizados do mundo contemporâneo, porém, sem perder o que é nosso.

REFERÊNCIAS

CHUE, Saturnina e FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara. Produções de sentidos: movimentos decoloniais na vivência do programa institucionalizado de iniciação à docência. **Revista RELVA**, Juara/MT/Brasil, v. 7, n. 2, p. 63-73, jul./dez. 2020. Disponível: <https://periodicos.unemat.br/index.php/relva>. Acesso: 08/12/2024.

FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara, ZOIA, Alceu, ALMEIDA, Elizabeth, Elizabeth Rezende. Produção de materiais pedagógicos (didáticos) em escolas indígenas: uma parceria entre universidades e aldeias. V.40 (2024) Jan-Dez. **Revista da Faculdade de Educação**. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu>. Acesso: 10/12/2024.

GONÇALVES, Alonso. Revelação, missão e interculturalidade: uma abordagem a partir da pretensão universal do cristianismo. **Revista de Cultura Teológica**. Ano XXVIII - Nº 97 - Set - Dez 2020. Disponível: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/50774>. Acesso: 09/12/2024.

PACINI, Aloir. **Identidade étnica e território Chiquitano na fronteira (Brasil-Bolívia)**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS, Porto Alegre, 2012.

PESTANA, Linda Siokmey Tjhio Cesar. **Reflexões sobre mitos, ritos e espiritualidade indígenas**. São Leopoldo | v.20 n. 2| p. 95-102| jul.-dez. 2015. Disponível em> https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/Identidade/article/view/1524. Acesso 09/12/2024.

SILVA, Elidiane Martins de Brito, CAETANO, Edson. **O trabalho da benção: prática e sabedoria popular do povo chiquitano**. SemiEdu. 2021.

Recebido em 01 de dezembro de 2024
Aprovado em 15 de dezembro de 2024
Publicado em 19 de dezembro de 2024

Licença de Uso

Licenciado sob Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Porém, não permite adaptar, remixar, transformar ou construir sobre o material, tampouco pode usar o manuscrito para fins comerciais. Sempre que usar informações do manuscrito deve ser atribuído o devido crédito de Autoria e publicação inicial neste periódico.

